

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quamabara

DATA: 24/09/1963 AUTOR: Harry Laus

TÍTULO: Pintura, opção decretada

ASSUNTO: Harry Laus comenta Ivan, Shiro, Deira, Maccio, Noel e De la Vega (Tenreiro)

4 — Cad. B, Jornal do Brasil, 3.<sup>a</sup>-feira, 24-9-63

## ARTES

Harry Laus

# Pintura, opção decretada

Deira, Maccio, Noé, De la Vega. Quatro pintores argentinos que levantam a bandeira da nova figuração na América do Sul, referendados por um júri internacional de grande gabarito:

*William Sandberg*, Holanda, Diretor do Museu Stedelijk de Amsterdão — “Sempre alerta para registrar as vibrações que o rodeiam, o artista teve que encontrar novas formas de expressão para o novo conteúdo. Cores agressivas, veloz e nervosa escritura, formas caóticas, expressão selvagem.”

*Jacques Lassaigne*, França, Comissário francês a Bienais de São Paulo e Veneza — “Reencontrar a pureza do gesto original é uma das maiores tentações do criador, em nossas velhas civilizações ocidentais.”

*Jorge Romero Brest*, Argentina, Diretor do Museu Nacional de Belas-Artes em Buenos Aires — “Não importa que as sutilezas cheguem ao extremo, a procura, ainda, de explicação no Budismo Zen, no Existencialismo, na Psicanálise, no Marxismo. O instrumento se está afinando para eliminar a explicação e é isto que importa.”

Reunidos em agosto, deram o Prêmio Internacional do Instituto Torcuato di Tella a Rómulo Maccio e o Prêmio Nacional do mesmo Instituto a Ernesto Deira, Luis Felipe Noé e Jorge De la Vega. Estes artistas, que não tiveram vez na seleção para a Bienal de São Paulo, representam a vanguarda artística de seu país e se apresentam na Galeria Bonino do Rio.

Deixando para trás o que em muito pintores abstratos é apenas virtuosismo, malabarismo formal (ou informal), preciosismo técnico tendente à complementação requintada de um ambiente bem decora-

do, alheios a qualquer ressonância sentimental humana aos intrincados problemas sociais que o cinema, o teatro e a literatura abordam — deixando para trás a inconsciência, estes artistas entram em acórdio com a Comunicação que, também em agosto, lançam de Belo Horizonte alguns poetas brasileiros:

“São imprescindíveis o empenho e a consciência da criação de novas formas e processos para o desenvolvimento e o avanço da poesia (pintura) brasileira que, ora e aqui, se reafirma e consolida como vanguarda participante. A responsabilidade do poeta (do artista) perante a sua época e, mais particularmente, perante a sociedade de que faz parte, não deve permitir-lhe o uso da linguagem (pictórica) para encobrir a realidade, aceitando e consagrando, como fixos e definitivos, padrões, formas e temas que se limita a repetir. Então, e só então, o que o poeta (artista) diz, adquire relevância como parte do processo de descoberta, de reformulação da realidade, induzindo o leitor (quem contempla) a tomar consciência de si mesmo e de sua existência social alienada.”

Também no Brasil, a opção foi imposta, e aqui mesmo no Rio já tivemos pelo menos duas mostras: Ivã Serpa, sacudindo o comodismo de laboratório com o grotesco sem complacências e Flávio Shiro agindo em plena liberdade e desenvoltura, postas a serviço da violência para a afirmação da realidade.

### OS CAVALEIROS ANDANTES

Os quatro pintores que nos visitam, com destino ao Museu Guggenheim de Nova Iorque, são todos jovens, o mais velho com 35 anos. Iniciaram o movi-



Introdução à Esperança — composição a óleo, de inspiração nitidamente revolucionária, com que Luis Felipe Noé foi contemplado com o Prêmio Nacional do Instituto Torcuato di Tella

mento de renovação há coisa de dois anos, expondo suas obras numa livraria de Buenos Aires, longe da idéia de formar um grupo. Mas o grupo formou-se pela identidade de propósitos e hoje trabalha no mesmo atelier. Este convívio representa emulação e exclui a imitação. Não há disputa; antes, a co-participação na busca de soluções diversas ao mesmo problema: integração social do artista. Há um fator comum que dá validade a suas experiências: a qualidade da pintura. Não é difícil perceber que cada um deles será perfeitamente capaz

de realizar uma figura bem comportada, uma abstração de primeira água. Mas o conformismo está ausente de suas intenções.

Embora jovens — Deira, Maccio, Noé e De la Vega têm cursos, títulos, exposições no exterior e bolsas-de-estudo na Europa. Trabalham grandes superfícies, telas de dois e três metros de lado (muitas das quais não puderam vir), e ora empregam a terceira dimensão (De la Vega) ou fogem aos limites da tela (Noé) para a ampliação do choque emocional; ora se mantêm nos elementos tradicionais da bidimensão (Maccio e

Deira), sem contudo perderem para os outros em força expressiva e criadora.

Esta exposição de vanguarda admite as palavras iniciais de Cervantes em Dom Quixote de La Mancha: “Sin juramento me podrás creer que quisiera que este libro, como hijo del entendimiento, fuera en el más hermoso, el más gallardo y más discreto que pudiera imaginarse. Pero no he podido yo contravenir a la orden de naturaleza; que en ella cada cosa engendra su semejante.”